

O LUGAR DO *ANIMAL SYMBOLICUM* NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

BRUNO J. M. BESSA

brunobessa10@gmail.com

Doutorando em Teoria Política, Relações Internacionais e Direitos Humanos, Universidade de Évora e Universidade dos Açores (Portugal). Mestre em Relações Internacionais e Estudos Europeus, Universidade de Évora. Membro colaborador do Centro de Investigação em Ciência Política (CICP) <https://orcid.org/0009-0004-1232-0738>

Resumo

Aponta-se à reflexão sobre a relação entre o simbólico e as mudanças sociais, culturais e políticas, colocando o *homo symbolicus* como figura de proa na compreensão nas dinâmicas de poder e identidade nos dias de hoje. Explora-se o conceito de *animal symbolicum* como abordagem para compreender o ser humano na sociedade contemporânea. Ao abordar as noções de símbolo assim como de linguagem, este texto examina como estes elementos moldam a identidade, a política e as relações sociais no contexto contemporâneo. Tendo como ponto de partida as perspetivas teóricas de autores como Ernst Cassirer, procura-se contribuir para um melhor entendimento sobre quais são as consequências do simbólico como elemento central na construção do sujeito e nas dinâmicas políticas atuais, destacando a relação entre o simbólico, o poder e a governança.

Palavras-chave

Perceção, Simbólico, Identidade, Contemporaneidade, Poder.

Abstract

It aims to reflect on the relationship between the symbolic and social, cultural and political changes, placing *homo symbolicus* as a figurehead in the understanding of the dynamics of power and identity today. The concept of *animal symbolicum* is explored as an approach to understand the human being in contemporary society. By addressing the notions of symbol as well as language, this text examines how these elements shape identity, politics, and social relations in the contemporary context. Taking as a starting point the theoretical perspectives of authors such as Ernst Cassirer, it seeks to contribute to a better understanding of what are the consequences of the symbolic as a central element in the construction of the subject and in current political dynamics, highlighting the relationship between the symbolic, power and governance.

Keywords

Perception, Symbolic, Identity, Contemporaneity, Power.

Como citar este artigo

Bessa, Bruno J. M. (2026). O Lugar do *Animal Symbolicum* no Mundo Contemporâneo. *Janus.net, e-journal of international relations*, VOL. 17, Nº. 1, Maio 2026, pp. 4-18. <https://doi.org/10.26619/1647-7251.17.1.1>

Artigo submetido em 30 de março de 2025 e aceite em 1 de dezembro de 2025.





O LUGAR DO ANIMAL SYMBOLICUM NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

BRUNO J. M. BESSA

Introdução

Uma premissa fundamental é a de que o ser humano é, na sua essência, um animal simbólico. Pode-se verificar isto mesmo em tradições filosóficas e antropológicas, e é esta premissa que permite sustentar que a capacidade humana de criar, de comunicar e de interpretar símbolos não é apenas um atributo acessório, mas antes uma das características estruturantes da nossa existência. O conceito de *animal symbolicum* diz exatamente respeito a esta capacidade singular que distingue os seres humanos dos restantes animais: a habilidade de infundir o mundo de significados e de significantes que nos orientam, que recheiam as interações sociais e que nos permitem construir identidades. Por outras palavras, o ser humano não se limita a viver a realidade, mas permite-se a construí-la continuamente através de representações simbólicas. Se, no passado, o ser humano se adaptava ao mundo, hoje, ele cria e reorganiza o mundo através dos símbolos.

Cassirer (1944) define o ser humano como um *animal symbolicum* pois na sua perspectiva a diferença mais básica em relação aos outros seres é a sua capacidade de produzir signos e símbolos na relação com o mundo (p. 50). Nesta capacidade de criação e pensamento simbólico está a base para o animal político ou o *animal rationale* visto que se relacionam.

O conceito de *animal symbolicum* coloca a produção simbólica no centro da experiência humana, que representa a capacidade única do ser humano de conferir significados, seja através da linguagem, de imagens, da arte ou das instituições. Ernst Cassirer (1944) diz-nos que a cultura se constrói basicamente através de símbolos. Os símbolos não são apenas representações de qualquer coisa, eles detêm um poder simultaneamente transformador e estruturante, detêm em si algo de transcendente. Na nossa sociedade os símbolos que nos veiculam à realidade estão em constante mudança, tornando-se relevante compreender como representações das várias realidades nos moldam a ação, visão e, conseqüentemente, as relações de poder. O simbólico e a sua construção não se constitui como algo apenas subjetivo como apêndice da vida social, trata-se efetivamente como uma parte integrante da construção do real social como processo tanto individual como coletivo.

Explora-se o conceito de *homo symbolicus* como perspectiva fulcral na leitura do papel dos símbolos na própria constituição enquanto indivíduos e nas dinâmicas de poder e



identidade na sociedade. À medida que as camadas sociais se transformam devido a fenômenos tais como a globalização, a inovação tecnológica e a comunicação digital, a importância do simbólico aumenta consideravelmente. Desta forma, os significados que medeiam as relações (sociais, culturais e políticas) estão em constante mudança, sendo permanentemente reinterpretados e negociados. Todos os campos do real social encontram-se interligados com as transformações simbólicas, desde questões políticas, questões relacionadas com a identidade individual e também coletiva, bem como as próprias experiências sociais individuais. O estudo do *homo symbolicus* torna-se parte fundamental neste quadro para uma melhor compreensão dos desafios que marcam o século XXI, tanto no seio dos Estados como na arena internacional.

Cassirer (1929) afirma que os sujeitos não recebem e transformam os dados sensíveis, mas os recebem já impregnados de significado.

por "pregnância simbólica" há de entender-se o modo como uma vivência perceptual, isto é, considerada como vivência "sensível" entranha ao mesmo tempo um determinado "significado" não intuitivo que é representado concreta e imediatamente por ela (p. 238).

A questão com a qual se lida a seguir centra-se, portanto, na forma como os símbolos moldam as interações ou relações sociais e a política, quer no panorama interno dos Estados, quer nas relações internacionais. O pilar está nas obras de autores como Ernst Cassirer, famoso por conceber o ser humano como essencialmente simbólico e Clifford Geertz, que proporcionou uma visão antropológica da cultura como sistema de significados partilhados. O conceito de *animal symbolicum* de Ernst Cassirer deve ser colocado em análise de acordo com a nova realidade social e política vigente no mundo, em que os símbolos desempenha um papel ativo na sua construção e não se tratam apenas de representações de uma realidade subjetiva.

Uma questão que é e será cada vez mais importante, é a relação entre simbolismo e identidade. A identidade, amplamente vista como algo fixo e atribuído de forma automática, pode ser hoje percecionada como algo fluido que é moldado constantemente através de negociações permanentes de significados. Nesta aldeia global, as identidades cruzam-se, sejam elas culturais, nacionais, de género ou de classe, levando a que os indivíduos sejam forçados a reconstruir identidades devido aos símbolos difundidos, partilhados e por eles próprios renegociados. Esta permanente reconstrução torna-se dilatada pelo espaço público digital criado pelas redes sociais. Neste espaço a identidade é afirmada e moldada por um ciclo de visibilidade versus invisibilidade simbólica. O *homo symbolicus* contemporâneo é um sujeito ativo na emissão de significados altamente suscetível aos símbolos que existem no universo digital.

Um aspeto é explorado neste artigo consiste na governança simbólica. Trata-se de um conceito que se destina a descrever a forma sobre como o poder se exerce através de uma consistente e intensa manipulação de representações culturais e simbólicas. O poder não consiste apenas uso ou ameaça do uso da força coerciva ou da coação às normas, mas, nos dias de hoje, da capacidade de influenciar a realidade, de construir e legitimar as interpretações almejadas da realidade já que



ideational rather than material forces shape the social world in the first instance; agents and structures are mutually constitutive; internalisation and social learning legitimise and reproduce social reality; and symbols and symbolic power are central to this (Theiler, 2005: p. 15).

Esta governança simbólica aponta ao controlo da perceção, através da internalização de significados para garantir o consenso e o consentimento generalizado às estruturas de poder criadas. O *homo symbolicus* é assim ator social imerso profundamente nas lógicas simbólicas que estão por detrás do tecido organizacional da sociedade.

Para a compreensão da condição do *homo symbolicus* no seio das sociedades contemporâneas, é essencial reconhecer que o mundo simbólico, apesar de estar longe da realidade objetiva, é em si mesma a base sobre a qual se estruturam as relações, sociais e políticas, ou entre indivíduos e destes com as instituições.

Ao longo das próximas linhas procura-se entender mais aprofundadamente como é que as dinâmicas simbólicas se ligam a formas de poder e de identidade no mundo contemporâneo.

Animal Symbolicum entre definições e fundamentos

O conceito de *animal symbolicum* apesar de o parecer não se reduz a uma abstracção filosófica. Trata-se, acima de tudo, de um conceito capaz de se colocar no centro da discussão do ser humano enquanto elemento constituinte de sociedades e da sua relação com o mundo. No decorrer da História, alguns paradigmas, quer de carácter filosófico, quer de carácter antropológico, visaram destringir o ser humano dos restantes animais pela sua habilidade de simultaneamente criar e de manipular símbolos. A ideia do ser humano enquanto ser fundamentalmente simbólico pode ser originalmente vista em Ernst Cassirer, que, no início do século XX, apresentou uma abordagem *sui generis* sobre o tema. O autor considerou o símbolo como o fator decisivo na constituição da cultura e do próprio ser considerando-o, mais do que racional um ser simbólico. Para Cassirer, o ser humano não se limita a interagir com o meio que o rodeia de forma direta como ser biológico, mas também a transformar a sua realidade através de sistemas simbólicos, como a linguagem, a mitologia, a arte, etc. O autor argumenta assim que a cultura é toda uma complexa rede de significados, cujos símbolos não se limitam a um papel de representação, mas como instrumentos estruturais à própria experiência humana.

Ernst Cassirer: A essência do simbólico

O filósofo Ernst Cassirer estabeleceu um marco ao desenvolver o conceito de *animal symbolicum*, representando o ser humano como ser simbólico por excelência. Na obra *Filosofia das Formas Simbólicas* (1956), Cassirer explora o *universo simbólico* onde os seres humanos vivem, por outras palavras, o ser humano filtra e reinterpreta o mundo que o rodeia através de sistemas de significados. Desta forma, o ser humano não é mero observador no mundo, vive uma realidade envolvida em símbolos e é um criador de realidades através de significados. Linguagem, arte, ou religião são, de acordo com Cassirer, expressões simbólicas que, moldam – cada uma à sua maneira e todas em



conjunto – as experiências humanas. Para Cassirer (1956) o conhecimento do mundo pelo ser humano dá-se através das formas simbólicas.

por "forma simbólica" há de entender-se aqui toda a energia do espírito em cuja virtude um conteúdo espiritual de significado é vinculado a um signo sensível concreto e lhe é atribuído interiormente. Neste sentido, a linguagem, o mundo mítico-religioso e a arte se nos apresentam como outras tantas formas simbólicas particulares (p. 163).

Cada forma simbólica oferece uma forma própria de compreender e modificar a realidade, permitindo transcender a simples percepção sensorial. Desta forma, o símbolo não é mais um simples elemento do mundo, mas um importante instrumento de construção da realidade para o ser humano. A linguagem, uma das formas simbólicas, deixa de ser meramente utilizada para descrever o mundo e torna-se ferramenta para construção, uma vez que moldam o entendimento das coisas. Ao explorarmos ainda mais as formas simbólicas, a arte e a religião, são formas simbólicas que entendem, exprimem e transmitem aspetos da existência do ser humano aos quais não se conseguem ter acesso pela razão ou pelos sentidos. Cassirer abandona uma posição algo exclusiva sobre o ser humano como ser puramente racional e abraça o lado simbólico, colocando-o no cerne da existência humana. O *animal symbolicum* alia ao ser racional uma aptidão natural de criar e interpretar significados que o permitem estruturar uma determinada visão que se estende a toda a realidade.

Clifford Geertz: A cultura e os significados

Ainda que Cassirer tenha sido fundamental no estudo do simbólico, o aprofundamento de determinadas formas simbólicas continuou com outros autores. A conceção da cultura como sistema simbólico foi desenvolvida por autores como Cliford Geertz. Este autor propôs, na obra *A Interpretação das Culturas* (1973), uma perspetiva antropológica na análise da cultura colocando os símbolos como no âmago desta. A cultura é um "*sistema de significados*" (Geertz, 2008: p. 4) partilhados, que norteia as práticas sociais e a organização social. A cultura é desta forma vista como um processo de construção de significados coletivos, que envolvem os indivíduos e através do qual é possível a construção das suas identidades.

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (...) a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (Geertz, 2008: p. 10)

Deste modo a cultura não é apenas a soma dos comportamentos ou instituições, mas transforma-se numa complexa rede de símbolos, capaz de moldar o comportamento humano. Geertz (1973) faz uso da expressão *teia de significados* de modo a ilustrar como os indivíduos vivem ligados uns aos outros e estes a um mundo simbólico que se traduz na interpretação e reinterpretação de significados, "*à procura do significado*" (Geertz, 2008: p. 4). À cultura deixa de estar reservado o plano secundário no qual as ações do indivíduo tomam forma, mas o meio pelo qual essas ações têm sentido. Esta postura em



relação à cultura enfatiza a interpretação dos símbolos como um processo coletivo, com repercussão nos grupos e nas sociedades, recusando o fenómeno como meramente subjetivo ou sem repercussão na vida ativa dos indivíduos. Ao interpretar a cultura como sistema simbólico, o autor demonstra o quão importante é a envolvimento na produção e partilha dos significados, o que nos diz que as identidades culturais são algo sempre sujeito a reinterpretação e não fixo.

Linguagem: o campo de batalha do simbolismo

A relação entre identidade, linguagem e poder torna-se numa tríade que se pode designar como fundamental ao analisar o ser humano enquanto ser simbólico. A linguagem configura-se como campo de batalha do simbolismo ao invés de simples meio de comunicação. A linguagem carrega significados que vão além do que palavras e expressões significam, a linguagem detém em si própria poder e controlo. Em Foucault (2008) a linguagem é em si própria um dispositivo de poder, pois quem controla a produção dos significados controla também a percepção e por sua vez a ação social.

o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade (Foucault, 2008: p. 124)

Nesta senda de percebemos que os discursos, várias vezes contraditórios, multiplicam-se constantemente, essencialmente na esfera pública digital e mediática, o simbolismo na linguagem é uma das armas mais importantes na construção da realidade e na legitimação das estruturas existentes de poder. Por mais que o quiséssemos a linguagem não é neutra. Drulak (2006) refere que nas Ciências Sociais "... *language is seen not only as a simple mirror of social reality but as a médium of its own, wich contributes to the very constitution of the social reality*" (p. 3). A linguagem detém em si mesma a capacidade de disputa e de negociação de relações de poder. Na política a influência dos símbolos, através de slogans, imagens ou discursos, tem esse intuito de legitimação de poder, de autoridade. O ser humano é assim ativo nesta construção simbólica através da linguagem até mesmo em contexto de disputa ideológica.

O papel na construção identitária

Nos dias de hoje a identidade é na sua essência simbólica. Os "*significados intersubjetivos têm atributos estruturais que não apenas limitam ou capacitam atores. Eles definem também sua realidade social*" (Adler, 1999: p. 211) levando a que a própria identidade se torne algo dinâmico, discutível, de negociação de significados.

A identidade, como o *animal symbolicum* demonstra, não deve entendida apenas como de carácter biológico ou psicológico, trata-se antes de uma construção simbólica, que é continuamente reconfigurada através de uma intrincada teia de símbolos, símbolos esses de múltiplas esferas – culturais, sociais e políticas. À data, este conceito de identidade tornou-se altamente difuso. Os sujeitos são hoje obrigados a definirem e a redefinirem constantemente quem são, recorrendo a símbolos culturais que circulam na sociedade, seja no plano físico ou digital.



O processo de construção de identidades pode ser mais facilmente constatado no mundo do consumismo, nas redes sociais ou nos processos de tentativa de mobilização política. Num mundo globalizado, as identidades existentes não estão ancoradas a territórios ou regiões, são sim amplamente construídas via símbolos que se constroem e circulam a nível global. A internet revolucionou as formas de relacionamento dos sujeitos com os símbolos, assim como a própria criação simbólica.

A Política e a importância do Simbólico

Este conceito de *animal symbolicum* transcende o ser humano, elevando-o da sua condição natural. As suas determinações, decisões ou ações, são estruturadas por símbolos que invariavelmente agem no subconsciente, e a política insere-se nesta lógica. A política reflete a dimensão simbólica dos sujeitos. A *sociedade do espetáculo*, como nos transmite Guy Debord (1997), demonstra a importância que imagens e símbolos adquiriram na legitimidade política. Esta, transformou-se em pouco mais, do que num combate constante pela dominação sobre as representações sobre as narrativas na esfera pública. É uma disputa simbólica, onde os significados e a quantidade de indivíduos aos que se chega e imprime as imagens pretendidas é mais importante do que qualquer política específica.

Os grandes conflitos políticos continuam a fazer-se em momentos de resistência e de mutação social. Nestes contextos denota-se o *animal symbolicum* na forma como os indivíduos e os grupos de indivíduos mobilizam símbolos em prol da sua luta. Estes movimentos mobilizam símbolos, onde as imagens e os slogans são cruciais na propaganda, tornando-se verdadeiros dínamos na mobilização e recrutamento dos sujeitos contra as estruturas existentes.

O papel do simbólico na política no presente

É no campo da política onde encontramos com grande papel principal o simbólico. Isto porque se no passado a ideologia política se ligava acima de tudo a uma corrente de pensamento ou a teorias económicas, na contemporaneidade a disputa pelo poder faz-se no campo do simbólico. Como nos diz Bourdieu (1998) o poder simbólico é "*poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo...*" (p. 14). O poder, nos dias de hoje, não está marcadamente ligado à propriedade material ou à coerção, hoje as formas de poder encontram-se na manutenção das narrativas e no controlo sobre os símbolos que modelam a perceção da sociedade.

Temos então hoje um poder que se exerce através da influência e controlo dos símbolos que estruturam a vida em sociedade. Trata-se de agir de modo a que haja uma aceitação por parte dos indivíduos evitando o confronto direto. O poder político exerce-se não através da imposição de normas ou de ideias, exerce-se sim através do poder simbólico, na influência ou, se se preferir, do moldar das perceções dos indivíduos de forma a que aceitem de livre vontade o que se pretende.



A luta pelo poder tornou-se hoje, a luta pelo domínio da verdade, ou da disputa pela construção das narrativas, tal como Bourdieu (1998) nos expõe existe *"uma luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses..."* (p. 11).

O nosso mundo é hoje um local saturado de símbolos. As campanhas políticas, por exemplo, são autênticas disputas pelo controlo e manutenção do simbólico, senão vejamos, as campanhas eleitorais ou as manifestações políticas são fortemente associadas a representações visuais ou verbais, as partes entram em confronto, não para um debate de razões pelas melhores ideias políticas, mas sim pelo controlo das representações na esfera mediática, já que permitirá a dominação do espaço público, ou seja, *"a dominação também se dá no plano simbólico, o simbólico revisitado aqui na força oculta da linguagem, da fala e do poder de quem tem a fala"* (Setton, Rego & Pereira, 2023: p. 13).

Ao simbólico é-lhe atribuído um papel crucial na esfera política. Não o devemos confundir somente como comunicação ou até como elemento de persuasão, mas antes como elemento estruturante do poder. O poder político é exercido através deste controlo de símbolos que por sua vez afetam a receção das mensagens, alterando a perceção do público em geral e moldando as relações entre indivíduos. A revolução da comunicação através da elevação das novas tecnologias digitais da informação e comunicação agregaram ainda mais valor à política do espetáculo, transformando como campo de disputa as próprias redes sociais, onde se disputa legitimidade e autoridade.

Manipulação dos significados – discursos e poder

Através da visibilidade almejada ou da criação de determinadas imagens, o poder simbólico procura algo concreto, a manipulação dos significados e a construção e manutenção de narrativas. Landtsheer, De Vries & Vertessen (2008) sublinham o papel que as metáforas exercem no discurso político, nomeando-as como *"indispensable devices for politicians who want to convey persuasive messages"* (p. 224). Bourdieu (1996; 1999) fala-nos no poder simbólico da linguagem e demonstra o facto de que a linguagem é um instrumento simbólico eficaz na construção da realidade.

Nos dias de hoje, o controlo ou a manipulação do simbólico envolve mais do que apenas as elites tradicionais, tais como agentes como os meios de comunicação ou grandes corporações empresariais. Algo que é visto como verdadeiro ou justo pode, na realidade, ser o resultado de um longo processo simbólico, de uma operação de moldagem de construção e de perceção. O poder, entendido nestas linhas, não é coercivo, nem normativo, mas sem dúvida o poder é simbólico. Quem domina os símbolos domina a realidade, influenciando os indivíduos e a normas. A legitimidade das forças políticas passa pela aceitação das narrativas construídas e amplamente disseminadas através de símbolos. O sucesso da construção destas narrativas de justificação de ações ou inações junto dos indivíduos está dependente da dominação simbólica. Este poder exerce-se sobretudo em termos simbólicos, na comunicação com os indivíduos, onde as imagens e os discursos se impõem como cruciais no estabelecer de uma realidade desejável pelos proponentes do poder, num período da pós-verdade, onde, na exteriorização das ideias políticas a honestidade não está entre as prioridades (D'Ancona, 2017: p. 17).



A construção da identidade

A identidade é desta forma também construída pelos indivíduos e disputada pelos intervenientes políticos. Este tipo de identidade é construído através de uma contínua exposição simbólica, onde se pretende que os indivíduos se envolvam, se associem aos símbolos, às imagens e às narrativas, que os irão definir perante os outros indivíduos e à sociedade. O conceito de hegemonia, proposto por Antonio Gramsci (1955), trata de construir, por parte das elites dominantes, uma visão do mundo para todos, que fará com que os indivíduos aceitem como natural, permitindo uma consolidação da autoridade pelos poderosos.

Esta ação visa precisamente operar no reino simbólico onde as ideias e os valores são internalizados. Nos dias de hoje questões raciais, de classe, de género ou de identidade são orientadas por uma panóplia de ações que visam moldar, influenciar, manipular as perceções individuais e dos grupos. Existe toda uma disputa em ação nos meios onde se veiculam as mensagens, algumas mais subtis do que outras, pelo controlo pela interpretação da realidade.

Elemento central de governança: O Poder Simbólico

Podemos perceber o poder crescente dos símbolos na organização social, nas relações de poder e na formação de identidade. A centralidade do poder simbólico é inseparável da política contemporânea, contaminada pelo espetáculo e construções simbólicas, onde a comunicação e as plataformas digitais transformam a forma como o poder se obtém e mantém. Bourdieu diz-nos que o poder simbólico é "*um poder de construção da realidade*" (Bourdieu, 1989: p. 9)

O *animal symbolicum* está envolvido diretamente neste processo simbólico, estando na centralidade do campo das disputas simbólicas que permeiam todos os aspetos da realidade e onde não se alheia de ser simultaneamente agente ativo na construção de significados.

A identidade no nosso mundo

A identidade é uma construção simbólica. A imersão em conteúdos simbólicos, nos dias de hoje, é incessante devido à constante ligação da globalização e digitalização, o que orienta os indivíduos, inconsciente ou conscientemente, nas suas escolhas e comportamentos, como nos mostram, aliás, conceitos como o de Zygmunt Bauman (2001) com a modernidade líquida.

Os fluidos se movem facilmente. (...) contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. (...) A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de "leveza" (p. 07).

A construção identitária é dinâmica. Ela é alimentada simbolicamente através do consumo de elementos simbólicos veiculados pelas interações sociais e internalizados através dos mass media e das redes sociais. Estes elementos demonstram como o ser humano se rodeia de símbolos e os utiliza para marcar e definir o seu lugar no mundo.



Esta fluidez é melhor observável nas questões relacionadas com temas específico, como com o género, etnia ou nacionalidade, onde os símbolos tratam de desenhar os sentimentos de pertença/exclusão. As redes sociais, como espaço predileto no espaço digital de mobilização simbólica, desempenham um papel já mencionado de reivindicação e de conflitualidade. Por um lado, indivíduos ou grupos procuram cimentar a sua posição em determinada senda, por outro travam-se confrontos por legitimidade e reconhecimento.

A identidade é uma construção simbólica, moldada por interações sociais e culturais, mas também, e cada vez mais, tecnológicos.

A construção do *eu* não está dependente, apenas, de experiências particulares ou de qualquer introspeção privada. Acima de tudo, hoje, está particularmente ligada à exposição a símbolos coletivos que direcionam os indivíduos nas sociedades, tal como Taylor (2011) nos diz “*o meu descobrir a minha identidade não que dizer que a trabalho em reclusão, mas que a negócio através do diálogo, parcialmente exposto, parcialmente internalizado, com outros*” (p. 55). A identidade é então um elemento fluído, moldável, suscetível de mudança. Deixa de ser um reflexo do indivíduo, mas antes um reflexo das como algo interações do indivíduo com os outros e com as estruturas simbólicas que os rodeiam.

A comunicação e produção cultural de hoje, proporciona um ambiente de intensa construção simbólica.

A fluidez identitária

O conceito de fluidez, nos moldes propostos por Bauman, é essencial numa compreensão mais completa da identidade na contemporaneidade. Nesta modernidade líquida, as estruturas aparentemente sólidas de identificação, tais como o Estado-nação, a classe social, a religião ou a família, dissolvem-se, surgindo em contrapartida uma variedade de novas formas de pertença e de identificação, que por sua vez, podem ser substituídas ou reformuladas. Esta fluidez identitária demonstra a efeméride das relações e a transitoriedade cultural, onde os limites identitários se revelam porosos.

Uma vida dedicada à procura da identidade é cheia de som e de fúria. Identidade significa aparecer: ser diferente, por essa diferença, singular – e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar. E, no entanto, a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos. É discutível se essas “comunidades-cabide” oferecem o que se espera que ofereçam – um seguro coletivo contra incertezas individualmente enfrentadas; mas sem dúvida marchar ombro a ombro ao longo de uma ou duas ruas, montar barricadas na companhia de outros ou roçar os cotovelos em trincheiras lotadas, isso pode fornecer um momento de alívio da solidão (Bauman, 2003: p. 21).

A identidade é moldada pelo consumo, pelas imagens mediáticas e pela constante interação, quer com outros que partilham semelhantes fluxos simbólicos, quer com outros que aparentemente numa categoria contrária permite a negociação identitária,



cujas trocas vão reconfigurar os fluxos simbólicos. Há toda uma lógica de mercado em torno das trocas simbólicas de narrativas e símbolos cujas mensagens podem modelar comportamentos e crenças. Bauman (2005) diz-nos que “*neste nosso mundo fluido ... as identidades são para usar e exibir, para armazenar e manter*” (p. 96). O *homo symbolicus* experimenta desta forma uma construção identitária flexível e adaptável, como resposta às novas formas de comunicação e construção simbólica na esfera pública.

O consumo do simbólico

A cultura do consumo é, de acordo com Arnould & Thompson (2005) um arranjo social em que as relações entre a cultura vivida e os recursos sociais, e entre as formas significativas de vida e os recursos simbólicos e materiais dos quais elas dependem são mediadas pelos mercados (p. 869) e a própria construção identitária está, como vimos até agora, intrinsecamente relacionada com um consumo do simbólico. Somos consumidores de símbolos. Este consumo não é um qualquer processo passivo, é um processo ativo, de escolha de símbolos com os quais os indivíduos se identificam e com os quais existe uma reconstituição criando nesta interação nos sentidos para os símbolos a partir de cada indivíduo ou grupo de indivíduos.

Baudrillard (1995) diz-nos que o consumo de objetos não se dá pela sua função, mas antes pelo que significa adquirir esse mesmo objeto, o próprio consumo torna-se desta forma simbólico, relacionando-se com a afirmação do indivíduo ou com a procura pelo reconhecimento.

A pegada digital do *animal symbolicum*

A formação da identidade do *animal symbolicum* dá-se essencialmente nas plataformas digitais e em grande parte através destas. A identidade já não se constitui a um nível meramente intrínseco ou no seio de um determinado grupo, mas ao nível de transmissão contínua de símbolos e da sua negociação constante de significados e representações que circulam nessas redes. As redes sociais, tornaram-se palco desta nova forma de identidade política criada através destas negociações simbólicas lembrando que “*o processo histórico de individualização pressupõe um desenvolvimento gradual das relações de mútuo reconhecimento em formas cada vez mais complexas de interação*” (Lóia, 2009: p. 201).

Esta construção identitária é amplamente influenciada pela procura de uma voz própria, ou do reconhecimento. A necessidade de ser reconhecido e ouvido orienta a forma como se pretende projetar uma imagem e uma mensagem na esfera digital moldando a posição política. As *métricas simbólicas* deste posicionamento têm em conta as quantidades de interações nas redes sociais como os *likes*, os *seguidores* ou os *reposts*, simbolizando o grau de aceitação social daquele movimento em específico ou daquele indivíduo.

A procura do reconhecimento

A identidade relaciona-se com o conceito de política do reconhecimento, um tema debatido por autores como, por exemplo Charles Taylor (2011), que nos diz que



A importância do reconhecimento é agora universalmente reconhecida de uma forma ou de outra; em um plano pessoal, estamos todos cientes de como a identidade pode ser formada ou malformada em nosso contato com outros significantes (p. 57).

A política do reconhecimento trata da luta por reconhecimento e validação por parte dos indivíduos e grupos na sociedade. Esse reconhecimento pode ser social ou simbólico e, à data, a luta por reconhecimento e validação é central na construção das identidades políticas.

As redes sociais são um meio privilegiado de disputa deste reconhecimento sociopolítico. Grupos minoritários, como grupos indígenas, raciais, ou como comunidades *LGBTQIA+*, usam as redes sociais desta forma, como meio para afirmação das suas identidades. Simultaneamente, este mesmo meio funciona como palco por outros grupos para disputa e contestação, contribuindo para a reconfiguração de identidades.

Estes processos de reconhecimento são basilares na construção duma identidade coletiva e para uma declaração de direitos numa comunidade democrática. Vista desta forma, a identidade, não é apenas uma construção individual per se, trata-se duma negociação coletiva de significados que implica questões de poder e sentimentos de pertença, tal como Lóia (2009) explica "*seria extremamente difícil manter um horizonte de significado pelo qual nos identificamos se não fossemos reconhecidos por aquilo que somos*" (p. 203).

O papel da globalização

A globalização tornou ainda mais complexa a construção identitária por todo o mundo. O intenso fluxo de informação, a multiplicação de imagens e a partilha entre culturas tornam as identidades muito pluridimensionais. O *animal symbolicum* contemporâneo é por isso um ser que navega por dentro dos diferentes espaços culturais e simbólicos, permanentemente consumindo e reinterpretando símbolos de diversas origens geográficas e sociais.

A percepção e a influência são a chave. Tudo é permanentemente reinterpretado e recontextualizado pelos indivíduos e de acordo com o grau de influência do remetente da mensagem. Os indivíduos, mediados pela sua percepção maleável, criam uma identidade que não está exclusivamente associada a um espaço geográfico ou cultural, mas sim a uma rede universal de significados, tratando-se de uma construção plural e também conflituosa o que denota a complexidade do mundo atualmente.

A reter

A formação da identidade é um processo simbólico. A identidade é uma construção dinâmica, moldada pelas interações sociais, pelas imagens veiculadas pelos media e pelo reconhecimento. A fluidez das identidades, a centralidade do simbólico e do consumo do simbólico, assim como o impacto das redes sociais atualmente, redefinem a forma como entendemos os indivíduos na atualidade e o seu lugar no mundo.



Conclusão

O conceito de *animal symbolicum* oferece uma forma para a compreensão do papel dos símbolos no quotidiano, seja na formação do indivíduo, seja na dinâmica da política no contexto contemporâneo. A aptidão natural que o ser humano tem ao nível de criação e interpretação de símbolos e da internalização de significados contribui significativamente para a organização social assim como de forma preponderante na construção da base identitária individual e coletiva. Os símbolos são mais do que meras representações da realidade, eles atuam diretamente no exercício do poder e na fixação das estruturas de autoridade ao longo do tempo. Nestas linhas explora-se o simbólico no panorama contemporâneo em diferentes frentes.

Primeiro, observa-se que a própria condição humana não pode ser separada de sua habilidade de criação simbólica. Ao criar um universo de significados, o *animal symbolicum* não só molda a sua própria existência, mas também organiza as suas comunidades, lançando os alicerces para a formação da cultura e das instituições. Cassirer e Geertz oferecem instrumentos valiosos para entender como as sociedades se estruturam através de sistemas simbólicos e a importância da interpretação desses sistemas na formação das relações na sociedade. Portanto, a importância do simbólico ultrapassa a mera questão epistemológica e coloca-se como parte integrante da vida.

No âmbito político, observa-se uma significativa mudança nas formas de governança e nas relações de poder ao analisar-se o poder simbólico. Segundo Bourdieu, Debord, ou Foucault o poder não é apenas uma questão de força física ou coação, mas sim uma disputa pelas narrativas que direcionam a ação da comunidade. A política do espetáculo, impulsionada pelos meios digitais, meios de comunicação ou redes sociais, transforma-se numa arena simbólica, onde imagens, memes ou slogans possuem capacidade para mobilizar as massas, criar legitimidade e redefinir relações de poder. Dessa forma, controlar o simbólico é a ferramenta de governança vital no panorama político atual, internalizando normas e determinadas categorias, quer ao nível dos Estados, quer ao nível das relações internacionais.

No que diz respeito à identidade, constata-se que se trata de uma construção dinâmica e fluida. Como nota Bauman, a fluidez identitária é um traço característico do indivíduo contemporâneo, que está em permanente redefinição no seu lugar no mundo através dos símbolos a que está sujeito e dos significados que cria através da sua própria percepção. A globalização e a revolução nos meios digitais expandiram as áreas de atuação onde estas trocas simbólicas ocorrem, dilatando os momentos de formação de identidade, e por outro lado intensificando os conflitos relacionados ao reconhecimento, à pertença ou à exclusão. A identidade não é um fenómeno individual, é sim coletivo, influenciado por processos culturais e sociais, através de imagens e narrativas. A política de reconhecimento, debatida por Taylor ou Lóia, manifesta-se atualmente nas interações digitais, tornou-se num local onde grupos marginalizados procuram visibilidade e legitimidade, empregando os mesmos mecanismos simbólicos que frequentemente os marginalizavam.

Em suma, demonstra-se que o simbólico, continua a ser a força motriz por detrás das transformações sociais, culturais e políticas. Através duma reflexão crítica sobre estas dinâmicas, é possível compreender melhor como o simbólico estrutura a vida social e



política permitindo aos indivíduos adotar um instrumento poderoso e desafiante na construção de sentido e de pertença na contemporaneidade.

Referências

- Arnould, E., & Thompson, C. 2005. Consumer culture theory (CCT): Twenty years of research. *Journal of consumer research*, 31(4), 868-882.
<https://doi.org/10.1086/426626>
- Baudrillard, J. 1955. *A Sociedade de Consumo*. Edições 70: Lisboa
- Bauman, Z. 2001. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bauman, Z. 2003. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bauman, Z. 2005. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bourdieu, P. 1996. *A Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo
- Bourdieu, P. 1998. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- Bourdieu, P. 1999. *Language and symbolic power*. 3. ed. Malden: Polity Press
- Burgers, C. Konijn, E. & Steen, G. 2016. Figurative framing: Shaping public discourse through metaphor, hyperbole, and irony. *Communication Theory*, v. 26, n.º 4, pp. 410-430 DOI:10.1111/comt.12096
- Cassirer, E. 1955. *The Philosophy of Symbolic Forms*. Yale University Press
- Cassirer, E. 2006. *A Filosofia das Formas Simbólicas*. São Paulo: Editora UNESP
- D'Ancona, M. 2017. *Post Truth: the new war on truth and how to fight back*. London/UK: Ebury Press
- Foucault, M. 2008. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense universitária
- Debord, G. 1997. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 102, 85-102.
<https://bibliotecaanarquista.org/mirror/g/gd/guy-debord-a-sociedade-do-espetaculo.a4.pdf>
- Delanty, G. 1995. The limits and possibilities of a European identity: A critique of cultural essentialism. *Philosophy & Social Criticism*, 21(4), 15-36
- Drulák, P. 2006. Motion, container and equilibrium: Metaphors in the discourse about European integration. *European Journal of International Relations*, 12(4), 499-531
- Geertz, C. 2008. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora LTC
- Gramsci, A. 1955. *Concepção dialética da História*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. <https://www.epedagogia.com.br/materialbibliotecaonline/3500Concepcao-Dialetica-da-Historia.pdf>
- Hall, S. 1999. Introduction to theoretical perspectives. In: J. Evans and S. Hall (eds.) *Visual Culture: The Reader*. London: Sage Publications, pp. 309-314



- Harvey, D. 2007. *Condição pós-moderna: uma perspectiva sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola
- Jervis, R. 1976. *Perception and misperception in international politics: New edition*. Princeton University Press. 2017
- Jung C., Henderson J., Von Franz M., Jaffé A., Jacobi J., & Freeman J. 2016. *O homem e seus símbolos*. Harper Collins Brasil
- Lakoff, G. 1993. *The contemporary theory of metaphor*
- Landtsheer, C. De Vries, P. & Vertssen, D. 2008. Political impression management: How metaphors, sound bites, appearance effectiveness, and personality traits can win elections. *Journal of political marketing*, 7(3-4), 217-238
- Lóia, L. 2009. A exigência do reconhecimento. In: TAYLOR, C. *A Ética da Autenticidade*. Lisboa: Edições 70, p. 185-209
- Manners, I. 2011. Symbolism in European Integration. *Comparative European Politics*, 9(3), 243-268. <https://doi.org/10.1057/cep.2010.11>
- Nanay, B. 2010. Philosophy of Perception. *Perceiving the world*, 1. <https://philpapers.org/archive/NANPOP.pdf>
- Rancière, J. 2005. *O Ódio à Democracia*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Setton, M. Rego, T. & Pereira, W. 2023. Lev Vigotski e Pierre Bourdieu: o poder da linguagem. *Comunicação & Educação*, 28(1), 7-25
- Tajfel, H. 1978. *Differentiation between social groups. Studies in the social psychology of inter-group relations*. London, UK: Academic Press
- Tajfel, H. & Turner, J. 1979. An integrative theory of intergroup conflict. In J. A. Williams & S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations* (pp. 33-47). Belmont, CA: Wadsworth
- Taylor, C. 2011. *A Ética da Autenticidade*. São Paulo: Realizações Editora, 127 p. Col. Abertura Cultural.
- Theiler, T. 2005. *Political Symbolism and European Integration. (Europe in Change)*. Manchester: Manchester University Press. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-67784-0>